

A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

Ricardo Pavan¹

Resumo

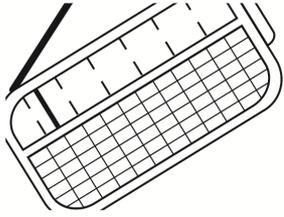
Este artigo faz um delineamento do tecido comunicacional que se institui entre as construções humorísticas de um programa radiofônico e o imaginário identitário de sua audiência. Analisam-se os tipos sociais (o 'alemão' *Seu Aníbal Franz* e o 'italiano' *Nono Ernesto*) que protagonizam o humorístico **Top Show**, exibido pela *Rádio Peperi Top 104 FM*, de São Miguel do Oeste (SC). O objetivo é compreender como o programa se utiliza da linguagem radiofônica para articular em suas construções humorísticas elementos simbólicos presentes no cotidiano cultural dos seus ouvintes. Os resultados apontam para uma mescla de referenciais vinculados à experiência midiática e às matrizes da cultura oral regional, como é o caso do sotaque, da tradição, do espaço rural/urbano e das identidades étnicas.

Palavras-chave: humor radiofônico, identidades étnicas, sotaques regionais, sentidos identitários.

1. Sobre colonos e descendentes

Uma análise da constituição da língua portuguesa no Brasil deve levar em conta os sucessivos processos de migração interna, tais como os que levaram os gaúchos, em sua maioria descendentes de alemães e italianos, para o Oeste catarinense na segunda metade do século XX. Essa história, segundo a linguista Ana Maria Zilles (2005), longe de ser gloriosa e pacífica, é uma história de conflitos, imposições, preconceitos, exclusões e silenciamentos. Apesar disso, o que sempre imperou no espaço nacional foi a diversidade, seja ela relacionada aos idiomas, dialetos ou sotaques. O Sul do país

¹ Doutor em Comunicação e docente da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) na Universidade Federal de Goiás (UFG). Email: pavanfront@yahoo.com.br



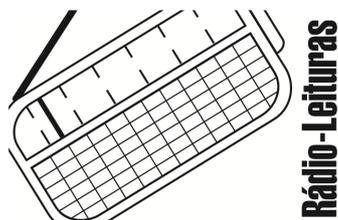
A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

Ricardo Pavan

é uma boa referência dessa variação da língua, do modo de falar, em permanente abertura, movimento e que, a exemplo de seus falantes, tem sua origem e desaparecimento no curso da experiência humana.

As transformações que se fizeram visíveis no mapa sociocultural brasileiro, em especial a urbanização e a expansão/proliferação das mídias, evidenciaram, por um lado, a homogeneização cultural da língua e de outros referenciais comuns de nação, mas, por outro, eles próprias foram determinantes para a deflagração das identidades culturais regionais. Protagonistas do processo de colonização das fronteiras agrícolas, os gaúchos do Rio Grande do Sul foram responsáveis pelo fortalecimento dos discursos de autoafirmação identitária. A diáspora gaúcha em si foi um fenômeno que serviu de material simbólico para a representação desse grupo social. O mito aqui recai, conforme Kaiser (1999), no gaúcho como homem audacioso que tornou terras outrora improdutivas no celeiro do Brasil. Traz uma essencialização dos hábitos e costumes que não leva em conta a dinâmica do mosaico sociocultural que caracteriza o processo de formação dessa população.

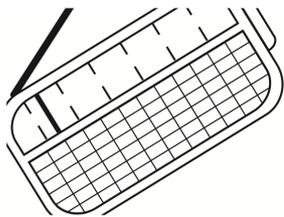
Nas construções discursivas em torno do imaginário histórico gaúcho, não há lugar para simbolismos depreciativos que possam enodoar a origem desse tipo social e seu “passado glorioso”. No cenário popular regional sulista, o campo artístico, notadamente a literatura, a poesia e a música, constituiu um expressivo aliado comunicacional no enaltecimento ainda maior da cultura rio-grandense. O tom épico que foi dado à história cultural dos gaúchos, contudo, propiciou o lado avesso: uma infinidade de representações preconceituosas que procuram derrubar a rede de símbolos afirmativos que fez prevalecer o imaginário social dominante. Elas foram apropriadas pelas mídias, que disseminaram essa fronteira ambígua no comportamento do gaúcho, especialmente com as variantes em torno de sua propalada masculinidade. Mais que isso, num âmbito regional, passaram a reconhecer outras faces dessa identidade, entre elas a da recente aparição midiática da diversidade que compõe parcialmente o, por assim dizer, 'povo gaúcho'.



Na constituição híbrida da identidade cultural gaúcha, passaram a ter um papel de destaque nessa conformação social os grupos de descendentes étnicos de alemães e italianos. Embora sua relação inicial com o território sulino possa ter sido ruidosa, como apontam alguns estudos, a inserção de seu modo de ser e relacionar-se socialmente nesse novo espaço foi necessária para a sobrevivência de suas próprias comunidades. A abertura maior ou menor dos grupos de imigrantes para os contextos de miscigenação limitou o sincretismo cultural, ao mesmo tempo em que estabeleceu uma heterogeneidade nos grupos de descendentes que habitam distintas regiões territoriais do Sul do país. O resultado disso, no âmbito da comunicação oral, é uma profusão de dialetos e sotaques que diferenciam os grupos étnicos não apenas em relação aos outros, mas também entre si. As características mais salientes acabam sendo aquelas que conservam a herança rural, a fala confusa e os hábitos e costumes dos ancestrais que trocaram a Europa pelo solo brasileiro nos dois últimos séculos.

O esquecimento midiático, especialmente na literatura, no rádio nas primeiras décadas e na TV em território nacional, condenou esses grupos de descendentes étnicos ao ofuscamento; suas identidades foram diluídas numa sociedade predominantemente mestiça, de cor parda, que construiu imageticamente um “ser brasileiro”. No caso das populações sulinas, as características físicas mais explícitas e peculiares por parte de grupos numerosos (como a cor branca, os cabelos loiros, olhos claros, nariz proeminente, pernas afinadas, entre outros aspectos de natureza corporal) serviram de identificação desses tipos no cenário nacional. Esse quadro começou a mudar a partir das comemorações dos 150 anos de imigração alemã (1974) e do centenário da imigração italiana (1975). As circunstâncias desencadearam uma série de eventos em que aspectos étnicos passaram a funcionar como pano de fundo à aparição de comunidades que foram colonizadas e se constituíram sob o protagonismo de imigrantes e seus descendentes.

O fenômeno cultural teve sua repercussão no Oeste catarinense, ainda que de modo posterior em razão de sua colonização tardia, a partir das décadas de 1940 e



A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

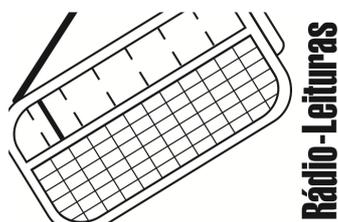
Ricardo Pavan

1950. Soma-se a isso a distância da capital, dos centros urbanos catarinenses, do litoral catarinense e de outras regiões de destino turístico do estado², aliada ao fato da região oeste se encontrar numa faixa territorial que apresenta distância média de 150 km para as divisas com os estados do Rio Grande do Sul e Paraná, além de uma dezena de cidades estabelecerem fronteira com a Província de Misiones, na Argentina. Essa condição espelha a dificuldade em se criar uma identidade cultural mais homogênea para as populações que residem no Oeste de Santa Catarina.

A mescla de etnias existentes na região Sul do Brasil rende muitas análises sociológicas sobre as tradições e os costumes dessa população. Maestri (1994) reclama do que chama de “imaginário étnico histórico gaúcho” socialmente dominante, o qual sugere que a civilização sulina seja resultado do esforço do trabalhador livre e branco luso-brasileiro ou ítalo-germânico. A crítica se deve ao fato de que a historiografia tradicional negou ou minimizou o fato do estado se encontrar entre as principais regiões escravistas do Brasil no século XVIII. Para o autor, o “embranquecimento” do passado gaúcho foi uma operação ideológica pluridisciplinar de grande envergadura. Segundo ele, nas últimas décadas, começou a delinear-se a mítica saga historiográfica do colonizador teuto-italiano.

No rol das representações dos descendentes, a família é o espaço privilegiado para a socialização de seus membros e a inculcação de valores, atitudes e condutas, dentre estas, as econômicas. Assim, sempre “foram ensinados e aprenderam” a gastar o mínimo possível, a viver com parcimônia, a ter reservas para o futuro, “a pensar no dia de amanhã”. Nas descrições do cotidiano é recorrente a ênfase na alimentação frugal. Os ditados correntes, [especialmente] entre os italianos, trazem uma grande quantidade das indicações de parcimônia e frugalidade: “polenta e alho também enchem a barriga”; “quem não trabalha não come”; “o ganhar ensina a gastar”. Estes ditados são externados por um viés moralizante: proibição aos excessos e àqueles que não provêm para o amanhã, como uma das fronteiras entre os descendentes e os

² Segundo enquete disponível no *site* do órgão Santa Catarina Turismo S/A, a Santur, apenas 3% dos internautas escolhiam o Oeste catarinense como destino turístico no Estado (SANTUR, 2010).

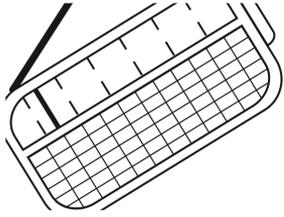


outros. Este grupo, os brasileiros, pecaria por só “pensar hoje”; sem se preocupar com o amanhã. Não seguir os traços eleitos pelo grupo implica em equiparar-se aos outros, num juízo norteado por elementos de identidade e etnocentrismo (RENK, 1997, p. 78).

Seyferth (1990) observa que, entre os imigrantes, as identidades étnicas foram formalizadas com base em critérios positivos de pertencimento a uma nacionalidade. A *língua materna*, a *cultura de origem*, mesmo modificadas pelo contato, a *nacionalidade* concebida pelo direito de sangue, a *filiação às instituições comunitárias* e, em alguns casos, a *fé* constituíram-se em símbolos de identificação manipulados para assinalar as diferenças entre imigrantes e seus descendentes e a população brasileira. Sendo assim, da mesma forma que não podemos negar a existência, no Oeste catarinense, de manifestações que refletem a cultura trazida pelos imigrantes, é preciso entender que muito daquilo que hoje se diz ser *italiano* ou *alemão* é uma produção histórica resultante de vários fatores, entre os quais estão os princípios culturais que os imigrantes trouxeram de diferentes regiões de seus países de origem, as condições materiais e espirituais que aqui encontraram e a convivência com os brasileiros e imigrantes de outras etnias.

Mas, em maior ou menor grau, essas identidades míticas foram sendo gestadas por uma cultura popular regional que se construiu localmente. Os sotaques, assim como os hábitos e costumes cotidianos, vieram de diferentes territórios, o que gerou uma comunidade híbrida e multifacetada. Isso também permitiu a idealização de estereótipos entre os grupos, especialmente em sua natureza étnica, que predominam no universo regional. Num contexto espacial em que as mídias de entretenimento estão praticamente limitadas ao rádio, o mote para a produção humorística do programa que será observado aqui é a própria comunicação oral cotidiana: na exploração de sotaques; nos ditos populares; nas variações fonéticas; nas piadas e anedotas mais recorrentes; no apelo, enfim, ao repertório de significados dos ouvintes.

2. As matrizes midiáticas e a criação do 'jeca' no humor brasileiro



A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

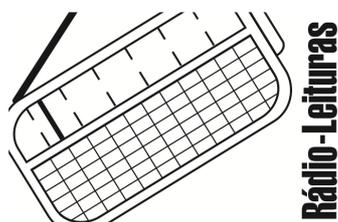
Ricardo Pavan

O caráter comunicacional do humor tornou o gênero uma referência para o gosto de todos os tipos de público e, conseqüentemente, para a produção midiática. No Brasil construiu-se o mito de que o humor está arraigado na cultura nacional³. É como se o cenário sociocultural, em horizonte público e privado, fortalecesse a vocação de um país para a comicidade. Independentemente da veracidade ou não da premissa, é certo que alguns aspectos contribuem para essa representação: as gírias e expressões locais/regionais; os diferentes sujeitos sociais identificados no território; e a língua brasileira, com sua natureza antropofágica e múltipla, constituíam-se em ingredientes essenciais às fórmulas humorísticas.

A proliferação de personagens representando os tipos sociais mais populares nas relações socioculturais de um país que se industrializava aceleradamente e mudava sua conformação demográfica foi, segundo Saliba (2002), uma constante na mídia impressa, radiofônica e televisiva no século XX. A mídia nacional contou com grandes humoristas/comediantes que se eternizaram na memória do público brasileiro e ainda são reproduzidos em criações humorísticas populares/massivas contemporâneas. Um texto aberto de humor para um público multifacetado exigiu flexibilidade dos mais notáveis intérpretes cômicos, que constituíram, especialmente na TV e no rádio, diversos personagens de variadas esferas sociais: o caipira, o deserdado, o ingênuo/infantil, o malandro, o corrupto, o ignorante, o sedutor, o vaidoso, o avarento e tantos outros representados por humoristas que foram gerando matrizes midiáticas desde a “época de ouro” do rádio e do cinema no Brasil, mais tarde disseminadas massivamente pelas produções televisivas.

Entre os mais diferentes tipos sociais brasileiros explorados pelo humor, o caipira é um desses personagens que habita a memória nacional. Ele é um ser fadado a ser alvo de ironias e preconceitos em uma sociedade que concomitantemente a

³ Um dos entusiastas mais recentes dessa ideia é um dos mais conhecidos humoristas do jornalismo impresso brasileiro, o escritor e cronista da **Folha de S. Paulo** José Simão (2007), que disseminou o conceito de que o “Brasil é o país da piada pronta”.

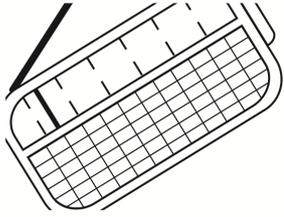


identificação desse sujeito se industrializava e urbanizava. Embora Mazzaropi tenha obtido um extraordinário sucesso popular, sendo uma referência inolvidável no gênero, dezenas de comediantes se popularizaram imitando esse tipo social que começou a ocupar espaço no imaginário nacional na metade do século XX. Trata-se de um personagem denominado vulgarmente de “jeca” que tem um jeito igualmente rudimentar de falar e de se vestir. Esta é uma representação reativada constantemente pelo imaginário dos ouvintes, que criam um personagem híbrido entre o “caipira brasileiro” e o “colono descendente”.

O caráter oral do personagem é um forte dispositivo na incitação do riso na audiência radiofônica. É possível dizer, dessa forma, que o “jeca” caipira virou um modo de expressão estereotipado da identidade do analfabeto e descapitalizado morador da área rural brasileira, um personagem midiático que reúne em seu olhar matrizes ambíguas e anacrônicas, de acordo com o hibridismo cultural dos espaços urbanos contemporâneos.

No Sul do país esse ser recebe uma nova roupagem, travestido de colono gaúcho descendente das etnias predominantes no território. Trata-se de uma espécie de “tradução”, para usar o conceito de Hall (2003), do caipira brasileiro que sempre esteve vinculado territorialmente às regiões centrais do país. O sotaque do “jeca” sulino tem outras variações que o torna um tipo especial na constituição de personagens caricatos regionais. As inúmeras imitações populares, em brincadeiras bem-humoradas, ironizam o jeito de falar do “alemão” e do “italiano”, bem como o “espanholismo gaúcho”, cada um com suas especificidades. A relação entre o colono descendente e o caipira caboclo pode parecer distante quanto aos referentes socioculturais e territoriais, mas apresenta muito em comum no âmbito do imaginário massivo: indivíduos rústicos, de linguagem chula, capazes de espelhar, como pensa Abreu (1981), o fundo arcaico da sociedade brasileira e de cada um individualmente.

No caso do colono do Oeste catarinense, existe esse hibridismo cultural que se manifesta em outras regiões do Sul do Brasil. Observa-se aí uma rede de símbolos que



A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

Ricardo Pavan

identifica o “ser regional” a partir de um conjunto de práticas culturais relacionadas à memória dos imigrantes e suas primeiras gerações de descendentes, uma rememoração identitária que encontra no grupo étnico uma forma de localização no tempo e no espaço. No gênero ficcional não existe a preocupação com o fato de as representações estarem em descompasso com a realidade histórica, e tampouco de as referências culturais se mostrarem multifacetadas em função dos filtros midiáticos que ressignificam as particularidades/universalidades de cada grupo.

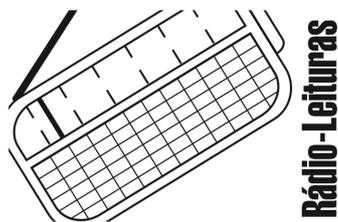
3. A identificação do regional no *Top Show*

Músicas de estilo “brega” e “trash”⁴ anunciam o começo do **Top Show**. Apresentado todos os sábados, desde março de 2001, no horário das 13:30 às 15 horas e, a partir de março de 2008, também de segunda a sexta-feira, numa exibição inédita diária de 10 minutos⁵ pela *Rádio Top 104,9 FM*, de São Miguel do Oeste (SC), o programa chega, em 2012, a seu décimo primeiro ano de exibição ininterrupta. Vários personagens, identificando diferentes grupos sociais, e um mediador, além de canções de duplo sentido e efeitos sonoros cômicos compõem, sinteticamente, o cenário acústico do programa.

Em comum com outros programas, o **Top Show** traz o fato de que não obedece a um roteiro fechado, embora seja mais fantasioso – os comunicadores fazem humor sem o uso de personagens fictícios. O formato, um seriado radiofônico baseado nas peças de teatro de humor *stand-up*, cuja comicidade está no imprevisível e na espirtuosidade dos improvisadores, vem se mostrando atraente para os jovens e adolescentes que se dizem entediados com a produção dos velhos humorísticos, seja no rádio ou na TV.

⁴ Os termos aqui usados referem-se às músicas popularmente reconhecidas como de gosto duvidoso e que não se enquadram numa programação radiofônica convencional de FM.

⁵ Apresentada às 10 horas da manhã, com reprise às 16h e às 22h.

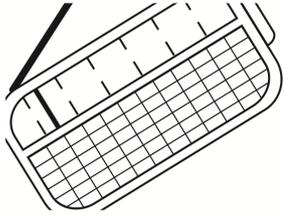


A *mistura de sotaques* é a mais emblemática singularidade do **Top Show**. A inequívoca propensão ao gênero humorístico revela, por outro lado, uma série de recursos midiáticos que refletem diferentes características vinculadas à experiência cultural de sua audiência. Entre eles, destacam-se as *estratégias de personalização identitária, de polemização de situações cotidianas, de transgressão na abordagem de temas sociais, de transposição temporal, além do intenso uso de recursos sonoros e interativos na produção*. A este universo soma-se a referência recorrente a *matrizes cômicas* consagradas no imaginário popular, como piadas, anedotas e charadas.

As percepções do programa humorístico **Top Show** na recepção dão conta de um programa marcado pela não-produção, pelo improviso e pela espontaneidade. Evidente estratégia de pacto com a audiência, a precariedade ou inexistência de um roteiro torna o programa um espaço radiofônico peculiar, cujo conteúdo rompe com os automatismos da programação habitual da *Rádio Peperi Top 104 FM*. Desse modo, não há qualquer possibilidade do ouvinte se manter alheio ao programa ou às suas características mais expressivas. Apesar da limitação populacional e midiática da região, uma definição do espectador que acompanha o **Top Show** seria tão segura quanto determinar o perfil da audiência de um programa massivo de abrangência nacional. A inexistência da mídia televisiva⁶ no território de alcance do programa, aliás, torna ainda mais relevante sua análise no campo da comunicação.

Os personagens principais se apresentam como figuras denotativas de uma região específica do Sul brasileiro, o Oeste catarinense, marcado especialmente pela colonização de descendentes germânicos e italianos vindos do Rio Grande do Sul, que no programa **Top Show** é representada pelos personagens *Aníbal Franz e Nono Ernesto*, respectivamente. O *Seu Aníbal* referencia a cultura germânica no jeito de falar, nos assuntos de que trata nos cenários em que se faz aparecer. Já o *Nono*

⁶ Não há nenhuma emissora de televisão ou sucursal de TV na microrregião de São Miguel do Oeste. As duas únicas retransmissoras da Região Oeste são a RBS TV Chapecó (afiliada da Rede Globo) e Rede Ric Record (afiliada da Rede Record), ambas com sede em Chapecó.



A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

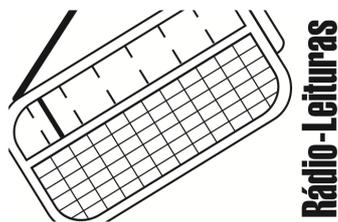
Ricardo Pavan

Ernesto é um personagem que parece ilustrar o descendente italiano, ranzinza e polêmico, também com forte influência da cultura no sotaque e nos hábitos⁷. Com ironia e exagero, os personagens parodiam a experiência cultural de uma região, com ênfase flagrante no linguajar dos imigrantes alemães e italianos, após mais de um século de vivência em terras brasileiras e de suas relações com uma realidade multiétnica.

Esse cenário multicultural não impede, entretanto, um discurso socialmente dominante, identificado com a voz do migrante gaúcho, descendente de alemães e italianos. As caracterizações desse tipo social tiveram uma diversificação em torno de suas singularidades no âmbito da cultura midiática regional, que passou a explorar os aspectos étnicos de diferentes formas relacionadas ao entretenimento.

As festas típicas que se proliferaram pelas comunidades do interior dos três estados do Sul foram as grandes propulsoras desse apelo às identidades étnicas. O calendário de eventos do segundo semestre do ano nessa região está abarrotado de exposições, feiras e festas alusivas aos colonizadores descendentes de alemães e italianos. Um dos municípios vizinhos a São Miguel do Oeste, Itapiranga, com seus pouco mais de 15 mil habitantes, orgulha-se de ter sediado a primeira *Oktoberfest* do Brasil, em 1977, gerando uma verdadeira onda de festas desse tipo que se inspiravam em evento homônimo que acontece em Munique, na Alemanha, desde o início do

⁷ Em relação aos demais personagens do programa destaca-se, num segundo plano, o *Gaudério Fagundes*, que referencia o tradicionalismo gaúcho e faz uso do sotaque e das expressões típicas dele, uma forte influência na cultura regional. No mesmo nível de aparição do gaúcho está *Armando Oliveira Júnior*, uma sátira dos locutores do início do rádio, com voz aveludada e postura egocêntrica. *Dimy* é uma síntese do jovem moderno, frequentador assíduo de festas, empolgado no uso de uma linguagem repleta de gírias, além de apresentar um sotaque urbano; *Alfredão* satiriza os *fanhos*, tratando da dificuldade de compreensão da fala de pessoas com esse tipo de anomalia; por fim, o *Missionário Ruberval*, por meio de uma retórica repleta de clichês dogmáticos, satiriza a doutrina de igrejas pentecostais.



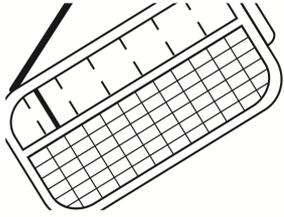
século XIX⁸. Embora não com a mesma notoriedade, os “italianos” também se aproveitaram do *revival* étnico que passou a ser vivido, ainda que revestido de uma tradição superficial e recente, com a realização de eventos de natureza festiva.

Na mídia radiofônica, porém, além das produções musicais, foram fenômenos comunicacionais como as variações nas pronúncias, o modo de se expressar oralmente, o tom da voz, os erros frequentes na formulação das frases e os palavrões popularmente conhecidos que foram utilizados em sua faceta mais burlesca para dar a largada humorística no rádio. Os sotaques e a comicidade gerada a partir do debate instituído pelos personagens supõem uma perspectiva complexa para que uma pesquisa de recepção consiga dar conta de costurar os sentidos produzidos pelos ouvintes do programa de humor. As construções estão relacionadas ao que existe de mais próximo ao mundo cotidiano da audiência, no que se refere à cultura oral e aos modos de sociabilidade, mas também a temáticas universais derivadas de um imaginário midiático cuja dimensão espaçotemporal ultrapassa as experiências concretas do receptor.

Dados obtidos com ouvintes do programa permitem pensar que eles negociam com as produções humorísticas do **Top Show** de modo a dar sentido a elas, conforme sua identidade cultural e suas práticas sociais cotidianas. Um primeiro ponto de preocupação foi de descrever esse grupo de receptores e buscar relatos orais que expliquem as razões da escuta e manifestações que expressem as marcas referenciais do programa **Top Show**, nas quais já ficam evidenciadas os olhares cômicos diferenciados para o produto midiático:

Ele traz o que diferencia exatamente é um humor que cada personagem traz um jeito, um jeito de tratar de assuntos, né. Muitas vezes debates mesmo assim com opiniões diferentes, e de formas diferentes, com características, um toque bem local, que não faria sucesso nenhum... eu acredito, demoraria talvez para fazer sucesso

⁸ No Brasil, pode-se destacar a Oktoberfest de Blumenau-SC (1984), a de Santa Cruz do Sul-RS (1985), a de Marechal Cândido Rondon-PR (1987) e a de Igrejinha-RS (1988).



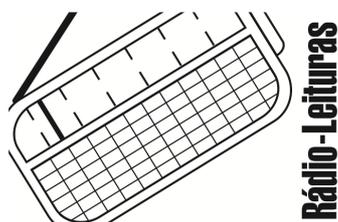
A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

Ricardo Pavan

assim em um outro estado, assim. Por exemplo, os meus irmãos quando chegaram da Bahia eles demoraram, assim, para entender. Eles só puderam entender e achar engraçado depois que eles começaram a ouvir as pessoas, o jeito das pessoas aqui falarem, ouvir das coisas da região, né, tem muitas coisas que são faladas, né, não é do conhecimento de pessoas de outras regiões, né, o jeito de falar, talvez não seja bem compreendido lá em cima, lá no Nordeste. Então vivendo aqui, vendo que, mesmo exagerado, mas eles acabam imitando muitas pessoas de normais, né, então a gente acaba entendendo e acaba compreendendo a graça do humor deles. Ele é um programa que foge de tudo do que a gente ouve e vê na mídia, né. No rádio a gente está ouvindo sempre música e notícias, com os acontecimentos. O Top Show traz notícias às avessas, faz a gente rir e tem quadros curiosos com brincadeiras... Então isso faz a gente rir por alguns minutos, na verdade uma hora e meia de diversão, a gente foge um pouco daquele cotidiano, daquela nossa vida mais séria e parte para aquele lado mais divertido e com alguns acontecimentos e fatos das pessoas da nossa terra, é isto que me faz ouvir o programa (Elias, 30, comerciário, descendência afro).

Gosto da espontaneidade dos apresentadores. Eu acredito que não tenha, eles devem ter o roteiro, mais ou menos estipulado, que eles vão pra vários lados assim, eu acho. Não é uma coisa, assim, muito certinha, mais espontâneo sabe? Aí eu imagino eles todos sentados numa mesa, assim, numa mesa redonda, meio conversando, dialogando entre eles. Eu imagino, eu até imagino eles como personagem, por causa que lá eles só tão, não tão vestidos, mas até caracterizam eles assim, a gente viaja escutando eles (Elis, 24, professora, descendência ítalo-polonesa).

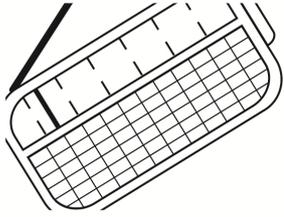
Diferencio de outros programas de humor por causa que eles buscam fazer piadas ligadas à região, sobre as pessoas aqui da região. Por exemplo, o Aníbal Franz por causa dos descendentes de alemães, Nono Ernesto dos italianos e o Fagundes, o gaúcho. Eu diferencio dos outros porque no *Top Show* as piadas são ligadas à cultura regional. Ele é regional, alemães e italianos, mas não tem, assim, uma relação com a realidade, é mais fictícia. Os personagens *para mim* eu acho que são bem definidos. O legal é que tem o italiano, o alemão, o gaúcho. Os personagens são bem diferentes um do outro. Por isso, se torna bem interessante, porque se fosse dois



ou três do mesmo, não seria legal. Este conflito de origens é muito interessante (Fábio, 20, agricultor, descendência alemã).

O caráter local/regional do programa radiofônico pode ser considerado um consenso entre os receptores. A compreensão da produção do humorístico passa pelo entendimento do contexto sociocultural, que serve então de referência para o significado cômico do **Top Show**. Nesse caso, as construções orais se valem do imaginário coletivo para constituir o cenário que mostra uma multiplicidade espaçotemporal com base em elementos caricatos regionais e midiáticos para atender uma demanda auditiva heterogênea, que negocia sentidos de acordo com sua vivência cultural e do modo que procede à leitura dos variados textos/contextos radiofônicos exibidos no programa.

A destreza oral dos produtores, que ironiza os sotaques e o jeito de falar de tipos sociais característicos do Oeste catarinense, permite uma forte conexão do programa humorístico com o acervo de mediações que configuram o cotidiano da audiência em suas práticas mais transitórias ou tradicionais. O improviso cria sucessivos desfechos surpreendentes nas criações cômicas, um espaço não encontrado no restante da programação. A troca constante de vozes também dá uma dinâmica peculiar ao **Top Show**, evitando o cansaço auditivo dos ouvintes e dividindo os espaços de manifestação de cada um dos personagens. Nessa primeira perspectiva da audiência, já aparecem as figuras principais do programa, cuja faixa etária está bem acima daquela de seus ouvintes habituais e remete à diálogos familiares, com vizinhos, compadres, conterrâneos e amigos. As narrativas, porém, incidem em temas e situações que extrapolam temporalidades e espacialidades, apelando invariavelmente para o efeito cômico da representação. O quadro delineia a circunstância na qual Martín-Barbero (2006) percebe que a diversidade cultural se faz interculturalidade nos territórios e nas memórias, mas também resiste, enfrenta e interage com a globalização.



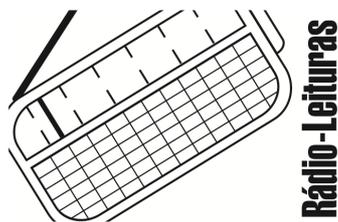
A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa **Top Show** e a deflagração dos sentidos identitários

Ricardo Pavan

4. Explicitando diferenças, consensualizando imaginários

O sotaque se transforma, a partir das construções humorísticas do **Top Show**, em um dos sentidos da identidade regional. Remete a um padrão cultural local, através dos grupos étnicos, e o confronta com outra rede simbólica, sintonizada com o urbano e tecnológico mundo contemporâneo. A fala dos personagens mais presentes na memória dos ouvintes possibilita de uma só vez o reconhecimento e a distinção sociocultural dos grupos identificados no produto midiático. Entre o grupo de receptores jovens, a construção do cenário do **Top Show** se dá de modo imagético, próprio de uma perspectiva que se mostra vinculada à predominância da cultura visual por parte das gerações que se formam num estágio avançado da sociedade informacional, onde as relações se estabelecem num espaço virtual, valendo-se insistentemente de signos icônicos. Para o ouvinte oriundo de um local distante, a visualização dos personagens parece muito clara. A forte relação com dois universos parcialmente distintos em termos de identificações estereotipadas possibilita a esse ouvinte um olhar diferenciado, ponderado, que relativiza qualquer tipo de categorização consensual para as fruições derivadas da comicidade apresentada no programa.

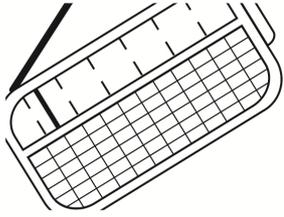
A origem gaúcha e a descendência étnica, embora não estejam constantemente presentes nas criações humorísticas do **Top Show**, são a primeira marca do programa. A exploração cômica dos sotaques locais é uma recorrência comum em situações informais, em que o objetivo do enunciador é o riso do ouvinte. Os grupos mais visados acabam sendo dos descendentes de italianos e alemães menos relacionados com os padrões da língua portuguesa, resultado de uma vivência social em contextos menos miscigenados. No programa radiofônico, as personificações servem de importante referente para o entendimento das apropriações suscitadas pela produção midiática. As distinções já se apresentam nos nome dos personagens: no caso de *Nono Ernesto*, o termo “nono” se refere a uma expressão familiar entre grupos descendentes de italianos, como sinônimo de avô; o *Seu Aníbal Franz* já chama



a atenção pelo pronome “seu”, usado no trato com pessoas “mais velhas” ou experientes. O sobrenome do personagem também é um importante referencial para identificar a procedência étnica: não há dúvidas de que é “alemão”.

Foram tomadas aqui as manifestações reincidentes nas entrevistas com os ouvintes. Elas passeiam entre a ficção e a realidade quando se trata de identificar as personificações. Por exemplo, aspectos ligados à fala errada e à teimosia do “alemão” e à avareza, à gesticulação e ao comportamento ranzinza do “italiano” aparecem muito próximos dos imaginários em torno da identidade regional, enquanto outras características, como a mentira e o exagero, são apelos populares do humor. Ao mesmo tempo, as personificações conseguem ser facilmente assimiladas pelos ouvintes, e os consensos ocorrem tanto no que se refere à rede de matrizes locais/globais como nas identificações dos dois principais personagens do programa.

O humor em torno de estereótipos étnicos, antes de ter sua inserção midiática por personagens como *Nono Ernesto* e *Seu Aníbal Franz* em programas como o **Top Show**, já estava enraizado na memória da comunidade regional. Essas identidades foram se constituindo socialmente, desde o desembarque dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875), mas em nenhum outro momento conseguiram tanta atenção midiática quanto nos anos recentes. A Indústria Cultural regional tem aproveitado essa singularidade para a exploração comercial, além de encontrar na temática mais um vínculo comunicacional com a recepção. Para a mídia radiofônica, pobre em produções mais rebuscadas, o gênero humorístico, com imitação de vozes em um modelo mesa-redonda, torna-se um formato viável. O elemento caricato do colono descendente gera comicidade a partir dos contrastes entre as limitações desenvolvimentistas de uma região interiorana como o Oeste de Santa Catarina e a velocidade das mudanças globais, cujas temporalidades se encontram em descompasso, não obedecem ao mesmo ritmo, e nem sempre seguem na mesma direção.



A contemporaneidade sincrética na produção humorística radiofônica: o programa Top Show e a deflagração dos sentidos identitários

Ricardo Pavan

Referências bibliográficas

ABREU, Nuno Cesar. Anotações sobre Mazzaropi: O Jeca que não era Tatu. **Revista Filme Cultura**, São Paulo, Embrafilme, p. 37, 1981. Disponível em <<http://www.museumazzaropi.com.br/sucesso.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KAISER, Jakzam. **O Brasil dos Gaúchos**: etnografia sobre a diáspora gaúcha. Florianópolis: Insular, 1999.

MAESTRI, Mário. O negro e o imaginário étnico gaúcho. In: BAQUERO, Marcello et al. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 1994. p.129-140.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de (Org.). **Sociedade mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico no oeste catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.

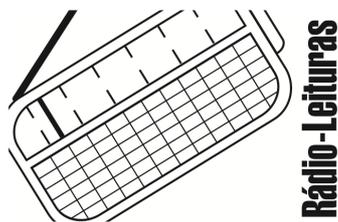
SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira - da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTUR. Santa Catarina Turismo S/A. Roteiros turísticos de Santa Catarina – Pesquisa de demanda turística. Disponível em: <http://www.santur.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=57&Itemid=220>. Acesso em: 06 jul. 2010.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UnB, 1990.

SIMÃO, José. **No país da piada pronta**. São Paulo: Editora do Bispo, 2007.

ZILLES, Ana Maria Stahl. O jeitinho brasileiro de falar português. **Revista Biblioteca EntreLivros**. São Paulo, ano I, ed. nº 04, p.72-75, agosto de 2005.



Ano III, Num 02
Edição Julho – Agosto 2012
ISSN: 2179-6033
<http://radioleituras.wordpress.com>

Abstract

This article makes a outline of the communicational tissue that is established between the constructs of a humoristic radio program and the imaginary identity of their audience. The paper analyzes the social types (the 'German' Your Aníbal Franz and 'Italian' Ninth Ernesto) who star **Top Show**, radio program displayed by *Rádio Peperi Top 104 FM*, from São Miguel do Oeste (SC). The goal is to comprehend how the show uses radio language to articulate in his humoristic constructs the symbolic elements that are in the cultural everyday of the audience. The results point to a mix of references linked to the mediated experience and the regional headquarters of oral culture, as in the accent, the tradition, the rural/urban space and ethnical identities.

Palavras-chave: radio humor, ethnical identities, regional accent, identity based meaning.

Resumen

Este artículo hace una delimitación del tejido comunicacional que se ha instituido entre las construcciones de humor de un programa de radio y el imaginario de identidad de su audiencia. Fueron analizados dos tipos sociales (el 'alemán' Seu Aníbal Franz y el 'italiano' Nono Ernesto) que son protagonistas en el humorístico **Top Show**, que transmitido por Rádio Peperi Top 104 FM, de São Miguel do Oeste (SC). El objetivo es comprender como el programa utiliza el lenguaje radiofónico para articular en sus construcciones de humor elementos simbólicos presentes en el cotidiano cultural de sus oyentes. Los resultados indican una mezcla de referenciales vinculados a la experiencia mediatizada y a las matrices de la cultura oral regional, como el acento, la tradición, el espacio rural/urbano y las identidades étnicas.

Palabras clave: humor radiofónico, identidades étnicas, acentos regionales, sentidos de identidad.